

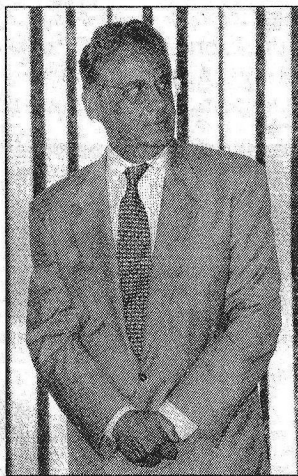
MILITARES VOLTAM A SER QUESTÃO DELICADA

Nem bem o presidente Fernando Henrique (foto) anunciou que o Ministério da Defesa será criado e voltam a surgir pequenos problemas na área militar. Com exceção do ministro do Exército, Zenildo Lucena — que defende o novo ministério e não cria dificuldades — o mesmo não se pode dizer do ministro da Marinha, Mauro Pereira, e do ministro da Aeronáutica, Lélío Lobo. Grande parte dos oficiais da Aeronáutica teme que a FAB perca poder com o Ministério da Defesa. Acham que só devem concordar com a iniciativa se a Aeronáutica continuar com o controle do Departamento de Aviação Civil (DAC). Só no Equador, Paraguai e Brasil a aviação comercial é atrelada ao poder público.

Além desse problema, a Aeronáutica e a Marinha estão em clima de tensão e divergência. A revelia da FAB, o ministro da Marinha comprou 20 aviões e agora não tem como tirá-los do chão porque a Aeronáutica se recusa a fornecer pilotos e técnicos em aviação. Na década de 60, houve essa mesma história porque a Marinha, tal e qual fez agora, furo o bloqueio da Aeronáutica e comprou

pequenos aviões suíços. A Aeronáutica, que controlava o espaço aéreo (o que faz até hoje) detectava os aviões da Marinha e os classificava como OVNI (Objetos Voadores não Identificados).

Embora isso cause risos até hoje, a disputa não tem graça porque mostra que Marinha, Aeronáutica e Exército agem como corporações isoladas. E que o presidente Fernando Henrique terá dificuldades para consolidar o Ministério da Defesa. Embora o ministério seja necessário para reduzir o corporativismo e racionalizar os gastos militares. Alguns desses gastos — como a recente compra de aviões de ataque pela Marinha — não são prioritários. Só foram feitos, aliás, porque o presidente FHC, com seu temperamento conciliador, não se interessou por uma interferência mais direta nos conflitos específicos da área militar. Uma posição que o presidente



acabará sendo obrigado a abandonar. Ao menos para diminuir as divergências por meio da intermediação do futuro ministro da Defesa. Como acontece hoje nas Forças Armadas dos países evoluídos e como o presidente Fernando Henrique decidiu, acertadamente, fazer no Brasil.